

ESTUDO DIALETOLÓGICO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: ANÁLISE CARTOGRÁFICA DA VARIAÇÃO FONOLÓGICA-LEXICAL- DIATÓPICA NOS MUNICÍPIOS DE BELÉM E PARAUAPEBAS, PA

DIALETHOLOGICAL STUDY OF BRAZILIAN SIGN LANGUAGE: CARTOGRAPHIC ANALYSIS OF PHONOLOGICAL-LEXICAL-DIATOPIC VARIATION IN THE MUNICIPALITIES OF BELÉM AND PARAUAPEBAS, PA

Melissa Maynara dos Passos Leal **1**

Jéssica Bruna Menezes Silva **2**

Greize Alves da Silva **3**

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar cartográfica, fonológica e lexicalmente aspectos da variação linguística na Língua Brasileira de Sinais. A Fundamentação Teórica está alojada no campo interdisciplinar da Dialetoologia, com interfaces em saberes fonético-fonológicos e cartográficos atrelados a essa disciplina. Os dados foram gerados a partir de entrevistas, via Google Meet, em razão do contexto pandêmico que o planeta enfrenta. Os sujeitos de pesquisa são pessoas surdas estratificadas com faixas etárias entre 23 e 45 anos diagnosticadas com surdez profunda e usuárias da Língua Brasileira de Sinais, que residem nos municípios de Parauapebas e de Belém, no estado do Pará. Os dados revelam um mapeamento de variações linguísticas na língua analisada, o que culminou na construção de diferentes sinais com o mesmo sentido. Espera-se que os dados analisados possam motivar o desenvolvimento de pesquisas vindouras.

Palavras-chave: Dialetoologia. Língua Brasileira de Sinais. Variação.

Abstract: This work aims to analyze cartographic, phonological and lexically aspects of linguistic variation in the Brazilian Sign Language. The Theoretical Foundation is housed in the interdisciplinary field of dialectology, with interfaces in phonetic-phonological and cartographic knowledge of linguistics. The Methodology is descriptive with a qualitative approach. The data was generated from interviews, via Google Meet, due to the pandemic context that the planet faces. The research subjects are stratified deaf people aged between 23 and 45 years diagnosed with profound deafness and users of the Brazilian Sign Language who reside in the municipalities of Parauapebas and Belém in the state of Pará. The data reveal a mapping of linguistic variations in the language analyzed, which culminate in the construction of different signs with the same meaning. It is hoped that the analyzed data can motivate the development of future research.

Keywords: Dialectology. Brazilian Sign Language. Variation.

- 1** Mestranda em Linguística na área de pesquisa da Língua Brasileira de Sinais pela Universidade Federal do Tocantins- (UFT). Graduada em Letras Libras e Língua portuguesa como segunda língua para surdos pela Universidade Federal do Pará- (UFPA). Docente efetiva de Letras Libras e Língua Portuguesa do Instituto Federal do Pará- IFPA Câmpus Parauapebas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8292589922531793>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6452-874X> E-mail: melissa.leal@ifpa.edu.br
- 2** Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Tocantins -(UFT). Especialista em língua portuguesa e literatura Faculdade Latino Americana de Educação- (Flated). Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará – (UEPA) e graduação em Pedagogia pelo Centro superior de ensino e pesquisa Machado- (Cesep). Docente na Universidade Estadual do Goiás-UEG e no Instituto Federal de Brasília- (IFB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5661400851509736>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2914-509X>. E-mail: jessicabrunaguga@gmail.com
- 3** Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina- (UEL). Mestre em estudo da linguagem pela Universidade Estadual de Londrina- (UEL). Especialista em Linguística e Ensino de Línguas pelo Centro Universitário UniSEB Interativo- (COC) e graduada em Letras pela Universidade Estadual de Londrina- (UEL). Professora adjunta da Universidade Federal do Tocantins- (UFT) Câmpus Porto Nacional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4978318468793519>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2589-6750>. E-mail: greize_silva@mail.uft.edu.br

Introdução

No Brasil, “os estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais [...]começaram a se desenvolver a partir das pesquisas pioneiras de Ferreira-Brito (1995) [...]” (ABREU, 2019, p.6), contudo, percebemos que as Línguas de Sinais, em especial a brasileira, ainda possui um longo caminho de pesquisas a ser percorrido no que tange os estudos linguísticos.

É nesse contexto que o artigo ganha relevância, justamente por problematizar questões voltadas às variações dialetológicas da Língua Brasileira de Sinais. Entretanto, nos interessamos mais de perto pela Dialectologia Pluridimensional.

Tal perspectiva aparece como desenvolvimento desta investigação, que está aberta a outras concepções teórico-metodológicas, as quais podem render ganhos ao processo de geração e tratamento dos dados analisados nessa pesquisa. Para tanto, compreendemos que se trata de uma proposta de investigação totalmente receptiva às possíveis mudanças advindas das demandas locais dos dados, bem como a outras interferências típicas do percurso de uma investigação o que leva um estudo dialetológico da Língua Brasileira de Sinais, fazendo uma análise das variações fonológicas e lexicais diatópicas.

Para analisar os dados coletados nas cidades de Belém e Parauapebas, realizamos uma coleta de dados, que nos levou a perceber a existência de variação diatópica nessas localidades, o que nos gerou inquietações no que se refere a esta área de estudos linguísticos.

Para cumprir com nosso objetivo de pesquisar a ocorrência de variação fonológica- lexical-diatópica na Língua Brasileira de Sinais nos locais informados aplicamos um questionário de avaliação com imagens de 9 significantes à 4 falantes estratificados conforme as faixas etárias, entre 23 e 45 anos, diagnosticados com surdez profunda e usuários da Língua Brasileira de Sinais desde a infância ou adolescência e, com nível escolar superior, nascidos e criados nas cidades pesquisadas.

Em suma, espera-se que este artigo possa render bons frutos diante das investigações que versam sobre as variações fonológicas lexicais da Língua Brasileira de Sinais voltadas à Dialectologia ou demais áreas afins, promovendo, assim, o movimento de integração científica.

Metodologia

Do ponto de vista metodológico, verificamos se ocorre variação diatópica- conceito relacionado à distância geográfica- na Língua Brasileira de Sinais tanto no município de Belém, quanto na cidade de Parauapebas (PA), utilizamos a entrevista para obtenção dos dados analisados. As técnicas de coleta de dados constituem um conjunto de regras ou processos utilizados por uma ciência, ou seja, corresponde à parte prática da coleta de dados (MARCONI; LAKATOS, 2003).

O Tipo de Pesquisa que adotamos é a Descritiva, a qual é, para Triviños (1987, p. 110), “descrever “com exatidão” os fatos e fenômenos de determinada realidade”, de modo que o estudo descritivo é utilizado quando a intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, suas características, valores e questões relacionadas à cultura. Diante disso, ao elaborarmos a cartografia, estaremos descrevendo as variações Língua Brasileira de Sinais da região de Parauapebas e Belém, podendo ser uma técnica a ser utilizada em quaisquer outros contextos cartográficos, o que parece ser bastante significativo para as investigações no campo da fonologia e do léxico.

Corpus da pesquisa

O lócus de geração dos dados foram os municípios de Belém e Parauapebas, Estado do Pará. As entrevistas foram realizadas via *Google Meet*, devido ao momento pandêmico do Covid-19 que estamos vivenciando. Para viabilizar as entrevistas, foram realizadas videoconferências entre os participantes.

Para participar dos inquéritos, elegemos, conforme mostra o quadro a seguir, quatro indivíduos surdos, dois de cada localidade, sendo estes com idade entre 23 e 45 anos diagnosticados com surdez profunda e usuários da Língua Brasileira de Sinais desde a infância ou adolescência, com nível escolar superior, nascidos e criados nas cidades pesquisadas sendo considerados indivíduos

topoestáticos, que, segundo Thun (1998), são grupos denominados assim por apresentarem pouca mobilidade no espaço.

Para a coleta de dados, utilizamos a metodologia de gravação dos inquéritos do qual apresentamos as imagens dos meios de transportes para os participantes que, por sua vez, apresentavam os sinais que eles utilizavam.

Observemos o Quadro 1, constituído por três colunas, que traz o perfil dos entrevistados: escolaridade, sexo e idade, fatores que são levados em consideração no decorrer da análise. Antes, porém, é necessário pontuar que, na segunda faixa etária não houve sujeitos participantes do gênero masculino por não termos acesso a nenhum homem com disponibilidade de horário para as entrevistas.

Quadro 1. Perfil dos falantes.

Faixa Etária	23-33		35-45	
Escolaridade	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Graduando	-	-	-	1
Pós graduando	1	1	-	1
Tipo de surdez	Surdez profunda			
Total: 4				

Fonte: (Elaborado pelas autoras, 2021).

Por último, após a realização dos inquéritos, foram mapeadas o total de nove imagens, tendo sido utilizadas na pesquisa sete delas. Estas, por sua vez, apresentaram mais de uma variante, porém, devido à grandiosidade dos dados obtidos, selecionamos somente duas para serem analisadas, nos aspectos fonológicos e lexicais, para um posterior diagnóstico de dados e elaboração da carta linguística que será apresentada. Para isso, consideramos a pluridimensionalidade para a descrição dialetal.

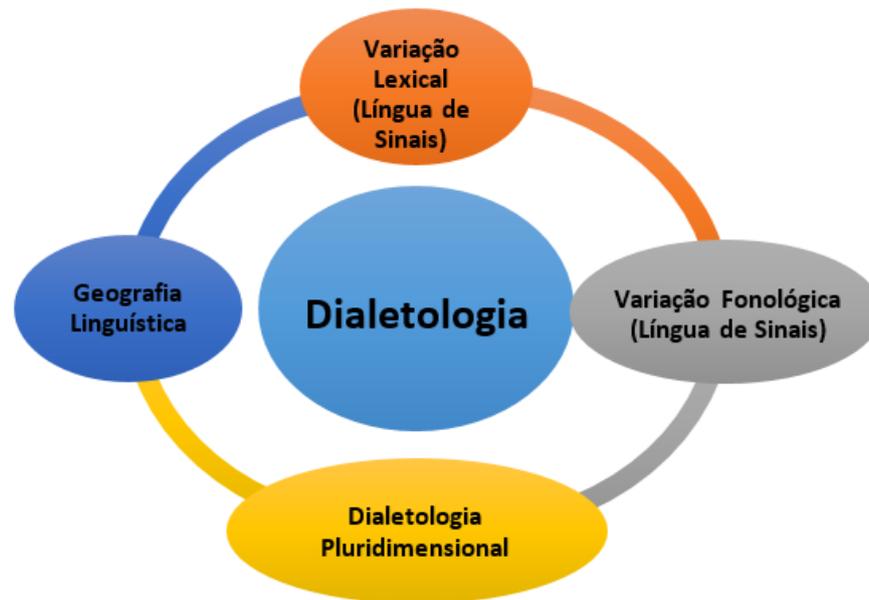
Contextualização do aporte teórico mobilizado

Utilizada pelas comunidades surda do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais, diferentemente das demais outras línguas faladas no país, não possui uma localização geográfica única, estando presente em todo o país. Nesse caso, Quadros (2019) faz um paralelo com a Língua Portuguesa, ao afirmar que a língua de sinais do Brasil “é uma língua pulverizada por todo o país, especialmente nas grandes cidades brasileiras e usada onde há concentração de surdos brasileiros que compartilhem espaços comuns” (p. 25).

Oficializada em 2002, por meio da Lei 10.436, a Língua Brasileira de Sinais é entendida, pontualmente, como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos” (BRASIL, 2002, p.1). Apresentando-se em uma modalidade visual-espacial, a Língua Brasileira de Sinais, assim como todas as línguas de sinais existentes no mundo, possui a produção de palavras, sentenças e sentidos por meio das mãos, do corpo e da face.

Ao tomar como base os estudos que versam sobre a língua analisada neste artigo e compararmos com o corpus coletado, identificamos a ocorrência da variação dialetológica. Assim, apresentamos abaixo a Figura 1, a qual ilustra os movimentos do estudo aqui analisado, em que o centro é a Dialetoлогия, tendo como base a teoria de Veny (1986) e de Cardoso (2019), que buscam analisar, em sua essência os diferentes usos linguísticos, tanto de natureza geográfica como cronológica e, mais atualmente social.

Figura 1: Movimentos de estudo analisado na pesquisa



Fonte: (Elaborado pelas autoras, 2021).

No centro do nosso estudo, identificado de azul claro, temos a Dialetoologia, que é definida, por excelência, como a disciplina que analisa a variação linguística presente em diferentes localidade, estados, regiões ou países (SILVA, 2018), especificadamente na Dialetoologia Social, que associa as variáveis trabalhadas pela Sociolinguística, tais como: idade, sexo, escolaridade para descrever as variações, que será voltada especificadamente para fonologia e para o léxico da Língua Brasileira de Sinais.

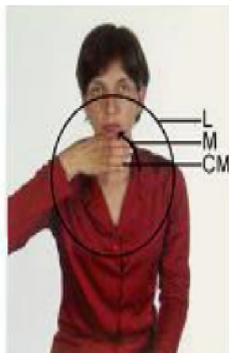
Identificada de azul escuro temos a Geografia Linguística, que ocupa-se de estudar as línguas no seu contexto geográfico, está sendo mobilizada, neste artigo, com base na teoria de Veny (1986). Esta, por sua vez, problematiza um espaço areal mais ampliado. Dessa forma, a Geolinguística não pode ser confundida com a própria Sociolinguística. Nesse sentido, Contini; Tuailon (1996, *apud* CARDOSO, 2010) adverte que, embora outros parâmetros sejam assumidos pela Geolinguística, ela permanece diatópica. É, portanto, na variação diatópica, que reside a identidade da Geolinguística e, por conseguinte, a identidade da Dialetoologia. Em resumo, a Geografia Linguística é um método da Dialetoologia, sendo, dessa maneira, um de seus vários tentáculos.

A Dialetoologia Pluridimensional, que está identificada pela cor amarela, é mobilizada com base na teoria de Thun (1998), que conceitua a Dialetoologia como Pluridimensional e Relacional, no qual o objeto de estudo são as variedades em contato com outras línguas, deixando de lado o dialeto considerado “puro” pela Dialetoologia Tradicional.

Sinalizada de cinza identificamos a variação fonológica da língua de sinais, uma vez que fonologia é o estudo dos fonemas e seus elementos constituintes que distinguem as palavras. Na língua oral está relacionada aos sons da fala, ou seja, sua representação sonora, o que não ocorre com a língua de sinais, pois a mesma independe desses aspectos ligados à oralidade de uma língua, por ser uma língua de modalidade visual-espacial, a fonologia, nas línguas de sinais, é um ramo da linguística preocupada em investigar a estrutura e organização dos constituintes que formam os sinais.

A partir de estudos de elementos básicos que formavam os sinais e as unidades mínimas que sozinhas não apresentavam significado é que foi sendo constituída a fonologia das línguas de sinais. Stokoe (1960), “considerado o pai das línguas sinalizadas”, conforme afirma Xavier (2006) os principais parâmetros (parâmetros primários) fonológicos são: Locação (L), Movimento(M), Configuração de mão (CM). Assim como uma letra na língua portuguesa, altera-se o sentido de uma palavra caso seja substituída por outra, um parâmetro de um sinal sendo modificado por outro também altera o sentido em língua de sinais.

Figura 2. Parâmetros Primários.



Fonte: (Quadros e Karnopp, 2004, P. 51).

Tendo como base as pesquisas de Stokoe (1960), os linguistas Battison (1974), Klima e Bellugi (1979) identificaram a existência de mais dois parâmetros- considerado secundários aos apresentados inicialmente por Stokoe - para a realização dos sinais, sendo nomeados de Orientação da mão (Or) e a Expressão Não-manual dos Sinais (ENM).

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p.48):

A diferença entre as línguas de sinais e as línguas orais, segundo Stokoe e o grupo de pesquisadores que se dedicou à investigação das línguas de sinais durante os anos 1960 e 1970, diz respeito à estrutura simultânea de organização dos elementos das línguas de sinais (QUADROS ; KARNOPP, 2004, p.48).

Tanto as línguas orais quanto as línguas de sinais vislumbram o mesmo objeto, unidades mínimas, de modo diferente. Nas línguas de sinais, a fonética busca estudar as propriedades físico-articulatórias das unidades mínimas que compõem o sinal, logo a fonologia estuda a perspectiva funcional destas unidades mínimas dentro da língua (ABREU, 2019).

Por último, temos a variação lexical na língua de sinais que está identificada em laranja no esquema (Figura 1), quando se fala em léxico, entende-se que se trata de um conjunto de palavras existentes em uma determinada língua, seja ela de modalidade oral-auditiva ou visual-espacial (SILVA, 2020). Na Língua Brasileira de Sinais, o aumento de vocábulos tem sido constante, vêm ocorrendo em função das necessidades comunicativas surgidas em diferentes contextos, as quais têm sido evidenciadas com a entrada dos surdos em diversos espaços educacionais e laborais, cuja falta é o elemento motivador para criação de novos sinais.

O léxico, na língua de sinais, é dividido, segundo Silva (2020), em nativo e léxico não nativo. O nativo, ao qual focaremos nossas análises, se subdivide em léxico nuclear e não-nuclear, o primeiro tal como nas línguas orais, contém sinais que são formados pelas unidades menores e sem sentido (os cinco parâmetros), sendo estes de conhecimento geral e de significado estável tornando-se, desta forma, altamente convencionados pela comunidade de fala.

Contudo, o léxico não-nuclear é composto basicamente por classificadores que, segundo o autor, pode ser denominado como mímicas, descrição imagéticas ou gestos e podem funcionar tanto como predicadores verbais - como no exemplo: MARIA ANDAR- SALTITAR- FELIZ, o classificador engloba tanto o verbo andar quanto o predicado saltitante e feliz em uma mesma sinalização- quanto modificadores de nomes - como no exemplo da sinalização do classificador de “MOTO- VELHA”, onde o sinalizador engloba as características de algo sem funcionamento correto, devido ao tempo, no nome MOTO modificando assim o sentido original da palavra. Desta forma, os classificadores por não estarem condicionado às mesmas restrições fonológicas, do léxico nuclear, representam alta produtividade e não possuem um significado estável e convencionado estando este semanticamente vinculado ao contexto linguístico.

Diante do exposto, com base nos movimentos de estudos apresentados, propomos uma

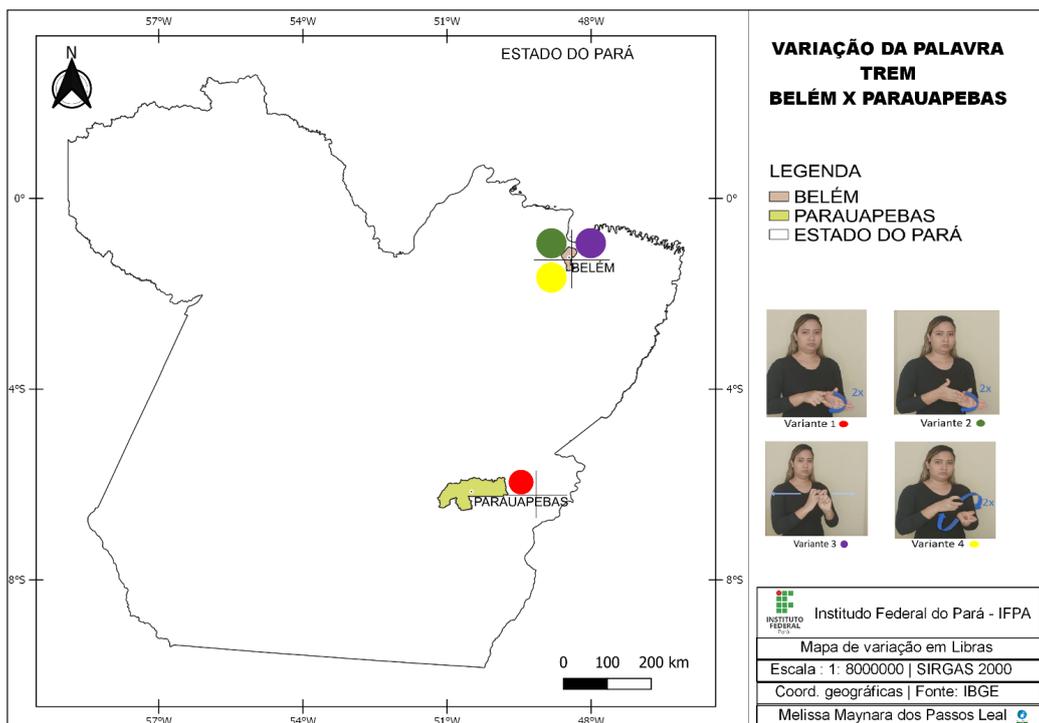
análise voltada para o campo da Dialetologia, com foco nas variações fonéticas e lexicais diatópicas da Língua Brasileira de Sinais, tendo como parâmetro os conceitos da Dialetologia Pluridimensional e relacional aqui apresentadas.

Análise e Discussão dos Dados

Inicialmente, apresentamos a carta linguística da variante “Trem” tendo abaixo a análise. Posteriormente, apresentamos a variante “Moto”, também com a sua respectiva análise.

Análise da variante “Trem”

Figura 3. Carta linguística da variante Trem.



Fonte: Elaborado pelo grupo meninas da geo em parceria com as autoras (2021).

Identificamos, na análise da carta acima, a ocorrência de mudança nos sinais entre as variantes 1 e 2, utilizadas nas cidades de Parauapebas e Belém, respectivamente, bem como nas variantes 3 e 4, utilizadas somente na cidade de Belém. Com isso, identificamos uma variação fonológica entre os sinais.

Com base nisso, percebemos que entre as variantes 1 e 2 encontra-se uma mudança fonológica no parâmetro configurações de mãos, apresentando-se variação somente na mão dominante para configurações distintas sendo representada pela configuração número 11 e 63, segundo Felipe e Monteiro (2006).

Figura 4. Configuração das Mãos (CM).



Fonte: Felipe e Monteiro (2006, P. 28).

Figura 5. Configuração das Mãos (CM).



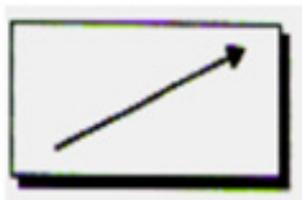
Fonte: Felipe e Monteiro (2006, P. 28).

Podemos inferir com base em Xavier e Barbosa (2014) que a variação fonológica ocorrida pode ser utilizada pela motivação de uso de escolhas consideradas de menor complexidade articulatória para os sinalizantes de determinada região, ou seja, uso de configurações de fácil realização na hora do sinal.

A maior ocorrência de algumas configurações, semelhantemente ao que demonstra Ann (2005) em um trabalho sobre a frequência de configurações de mão na língua de sinais taiwanesa, parece ser motivada pela menor complexidade articulatória destas em relação à variante concorrente (XAVIER; BARBOSA, 2014, p. 389).

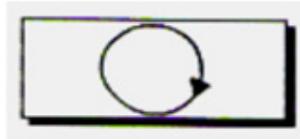
As variantes 3 e 4 apresentam, por sua vez, variação fonológica no parâmetro movimento sendo realizado no primeiro, segundo Strobel e Fernandes (1998), o movimento retilíneo e o segundo movimento circular.

Figura 6. Movimento retilíneo.



Fonte: Strobel e Fernandes (1998, P. 11).

Figura 7. Movimento Circular.



Fonte: Strobel e Fernandes (1998, P. 12).

Com base em análises referentes a variação fonológica de movimento realizado por Xavier e Barbosa (2014), podemos inferir nessa análise que:

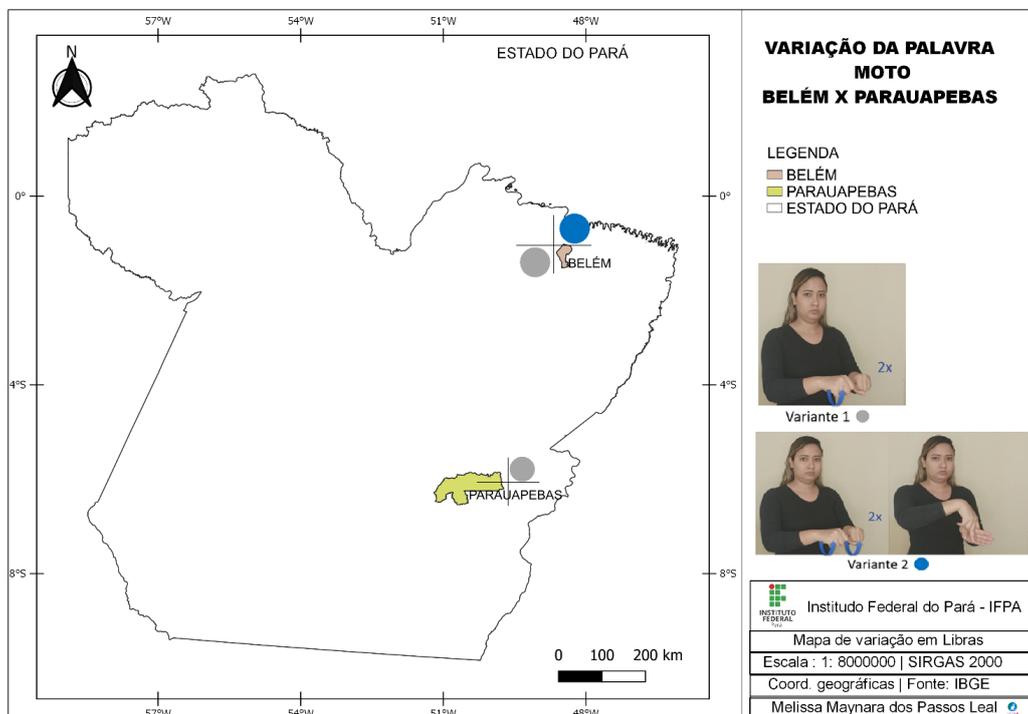
Movimento pode estar relacionada a uma certa “preferência”, por parte dos sinalizadores da Língua Brasileira de Sinais, por sinais com movimento, em detrimento de sinais realizados com a mão parada. Essa “preferência” deve advir do fato de sinais sem movimento serem menos frequentes na língua (XAVIER; BARBOSA, 2014, p. 398).

Entretanto, se compararmos a variante 1, que ocorre em Parauapebas, com a variante 3 e variante 4, que ocorrem em Belém, percebemos uma variação lexical considerando a mudança em todos os aspectos fonológicos dos sinais com mudanças nas configurações das mãos, movimento, locação, orientação da mão e expressões não manuais, gerando assim sinais diferentes uns dos outros. Desta forma, com base em Gregory (1967), percebemos, nesse caso, que a fronteira geográfica influenciou no uso linguístico.

Ademais, identificamos certa influência do fator gênero nas variantes apresentadas dentro da cidade de Belém - ao considerarmos que os participantes dessa cidade eram de gêneros opostos e utilizaram variantes diferentes (gênero masculino utilizou a variante 2 e o gênero feminino utilizou a variante 3 e 4), ao contrário do que ocorreu da cidade de Parauapebas ao qual ambos os participantes que eram do mesmo gênero (feminino) utilizaram a mesma variante(variante 1) - também podemos considerar o fator social ponderando que por ser a capital do estado concentra um número maior de pessoas usuárias da língua de sinais, o que por consequência, acarreta a tendência de geração de um número mais expressivo de variantes ao considerarmos os contextos de uso.

Análise da variante “Moto”

Figura 8. Carta linguística da variante moto.



Fonte: Elaborado pelo grupo meninas da geo em parceria com as autoras (2021).

Analisando a carta acima referente à “moto”, percebemos que a distância geográfica referente às duas cidades citadas não foi fator para ocorrer variação no caso do uso da variante 1, porém percebemos a existência de uma segunda variante (variante 2) na cidade de Belém.

Contrastando uma variante com a outra, percebemos nas duas iconicidade que, segundo Strobel e Fernandes (1998, p. 4) são “gestos que fazem alusão à imagem do seu significado” nos remetendo a alusão de segurar na “direção” de uma moto em parceria com o movimento realizado nos sinais.

Em relação aos movimentos empregados nos sinais, entre as variantes 1 e 2 ocorre variação no número de mãos. Para Xavier e Barbosa (2014), isso “[...]deve se explicar pela presença, na constituição dos sinais em análise, de certas características fonológicas que favorecem ou desfavorecem sua realização com uma ou duas mãos” (p. 401).

Entretanto, apesar de percebermos o uso similar no sinal da variante 1 e no primeiro sinal realizado na variante 2, a última também sofre influência da iconicidade no segundo sinal com o acréscimo de um classificador, gerando, assim, um sinal composto. Para tanto:

Os classificadores têm como característica a iconicidade. Uma vez que, num contexto em que a língua de sinais não esteja presente, os classificadores emergem da necessidade de comunicação corporal, os surdos tornam as formas dos materiais da realidade como referência para a produção imagética com sinais, além de simularem contextos e situações para construir predicados verbais. Com o passar do tempo, muitos destes arranjos imagéticos e símbolos icônicos foram perdendo o seu caráter icônico e se lexicalizando (SILVA, 2020, p. 43).

Em síntese, segundo o autor, “os classificadores são responsáveis por produzirem muitos

sinais léxicos nuclear” (SILVA, 2020, p. 43) sinais esses que se sujeitam às restrições fonológicas e se estabilizam quanto ao seu significado, como podemos perceber na variante 2.

Todavia, assim como na análise anterior do trem, podemos perceber a influência tanto do fator social quanto do fator gênero considerando que na cidade de Belém, novamente, ocorreu o uso de variações distintas por surdos de gêneros opostos ao contrário da cidade de Parauapebas onde foram pesquisados indivíduos do mesmo gênero.

Considerações Finais

A partir das nossas análises, com foco na Dialetologia Pluridimensional, constatamos que existe a presença tanto da variação lexical quanto fonológica nos municípios pesquisados. Dentre os quatro indivíduos surdos que foram entrevistados, foi constatada variação diante das imagens apresentadas.

Em síntese, ao analisar a variação fonológica da Língua Brasileira de Sinais, ficou evidente que tal variação ocorreu devido à mudança de um determinado constituinte fonológico que, no caso das nossas análises, configurou-se na mudança da configuração das mãos e movimento. Porém, nesse tipo de variação fonológica identificamos, também, a influência da iconicidade na criação dos sinais, como no caso da variante “moto”.

Contudo, a variação lexical passa por um processo de mudança em todos os cinco parâmetros (configuração das mãos, locação, movimento, orientação e expressões não manuais) mudando totalmente o sinal, mas permanecendo o sentido. Identificamos, com isso, que a variação em questão ocorre devido ao fator diatópico. Além disso, foi levada em consideração a questões sociais e de gênero, pontos de extrema importância para pesquisas futuras.

Referências

ABREU, Walber Gonçalves de. **Processos de formação de sinais**: um estudo sobre derivação e incorporação nominal na Língua Brasileira de Sinais. Orientadora: Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira. 2019. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/12293>. Acesso em: 20 mar. 2021.

BATTISON, R. Phonological deletion in American sign language. **Sign language studies**, v.5, p.1-19, 1974.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Brasília, 181º da Independência e 114º da República, 2002.

CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

FELIPE, T.A.; MONTEIRO, M.S. **Língua Brasileira de Sinais em contexto**: curso básico, livro do professor. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. [reimpre.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995 [2010].

GREGORY, M. **Aspects of varieties differentiation**, *Jornal of Linguistics*, 1967.

KLIMA, E.S. BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge, Mass: Harvard University, 1979.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

- QUADROS, R. M de. **Língua Brasileira de Sinais**. 1.Ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- QUADROS, R. M. KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SILVA, A. D. S. **Variação fonológica e lexical em Língua Brasileira de Sinais**. Marceió: UFAL, 2020.
- SILVA, G. A. **Atlas linguístico topodinâmico e topoestático do estado do Tocantins (ALITTETO)**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.
- STOKOE, W. Sign Language Structure: an Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. **Studies in Linguistics: Occasional Papers**, v. 8, 1960.
- STROBEL, K. L. FERNANDES, Sueli. **Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. SEED/SUED/DEE: Curitiba, 1998.
- THUN, Harald La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: XXII e Congres International De Linguistique Et De Philologie Romanes, 1998, Bruxelles, **Actes**. v. III, Tübingen: Max Niemeyer, 2000. p. 367-388.
- TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VENY, I. **Introduccion a la Dialectologia catalana**. Barcelona: Biblioteca Universitária, 1986.
- XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológico dos sinais da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS)**. São Paulo: USP, 2006.
- XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais na Língua Brasileira de Sinais. **D.E.L.T.A** .v. 30.1, p.. 371-413, 2014.

Recebido em 20 de abril de 2021.
Aceito em 13 de julho de 2022.